

Boletim
Estudos
Clássicos



Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra

DEZEMBRO 2007

2. Tema

Se a ode 1.4 era um canto da Primavera, este poema representa a celebração do Inverno. Essa é, de facto, a imagem que transparece logo dos versos iniciais, de forte poder imagético: o Soracto, hoje Monte de Santo Oresto, serraia não muito distante de Roma, a erguer-se no meio da planura, resplandecente de neve; o arvoredado alquebrado sob o peso do nevão; os rios recobertos de uma vaga camada de gelo, de superfície cortante.

A paisagem exterior, assim desenhada, é agreste e hostil; convida, por isso, ao recolhimento, a recato das intempéries do clima. Assim o poeta dá corpo ao que parece ser, aliás, um dos seus momentos preferidos: diante do exterior marcado pelas cores frias e inóspitas do Inverno, o homem recolhe-se ao interior da sua casa, por modesta que seja, e ao calor reconfortante da lareira, lança no borralho uma mão-cheia de lenha e desfruta das delícias de um bom vinho, quatro anos envelhecido nas ânforas.

O resto... o resto, há que deixá-lo ao cuidado dos deuses. Eis o conselho ditado pela prudência do poeta da moderação, da *aurea mediocritas*, do *locus amoenus*. Só os deuses logram levar de vencida ventos e tempestades e manter firmes as árvores, ante a arremetida de vendavais. Esse é o centro do poema, que faz a transição para a segunda parte: a afirmação da crença no poder protector da divindade, o mesmo é dizer, a afirmação da pequenez do homem.

Abre, por isso, a segunda parte da ode com uma das máximas horacianas de enorme significado e não menor fortuna, assente num princípio que se não cansa de apregoar, o da fugacidade da vida: *quid sit futurum cras, fuge quaerere* – “o que há-de ser o amanhã, foge de o perguntar”. Ante a incerteza do futuro, reage o poeta com a consciência da precariedade do tempo presente, encarada, não com tristeza, mas com serenidade; se assim é, o dia que ao de hoje se somar, sublinha, é já lucro e como tal terá de ser vivido.

Dessa lição de vida se parte para o preceito epicurista. “Colher o dia”, como diz essa outra máxima, o *carpe diem*, em outra ode, significa fruir, sem excessos, embora, os prazeres do amor, do divertimento (da dança). O tempo do declínio há-de chegar, na hora oportuna, com a velhice, os cabelos embranquecidos, o passo lento e vagaroso.

É um erro, porém, antecipar o futuro. Daí o convite final ao amor, a coberto do silêncio sussurrado da noite, nos lábios e braços de uma donzela esquiva.

3. Estrutura

O poema está organizado numa progressão de estrofe a estrofe e, dentro de cada uma delas, segundo uma espécie de lógica de alternância entre afirmação e negação.

Estrofe 1: quadro de Inverno. À feição afirmativa do primeiro verso, contrapõe-se, no segundo, a negativa *nec*: o monte ergue-se, coberto de neve, e as árvores não sustentam o seu peso. Ou seja: v. 1-2 – afirmação; v. 2-3 – negação; v. 3-4 – afirmação.

Estrofe 2: a exortação, no imperativo (*dissolue... deprome*), como forma de reacção ao quadro traçado na primeira estrofe (totalmente afirmativa).

Estrofe 3: nova exortação, que constitui, agora, uma reacção de matriz epicurista, de novo organizada em alternância: v. 9-11 – afirmação; v. 11-12 – negação. *Permitte*, no v. 8, ecoa os imperativos *dissolue* e *deprome*, da estrofe anterior; *nec... nec* (v- 11 e 12) ecoam igual negativa da estrofe 1.

Estrofe 4: prossegue a reacção de matriz epicurista, insistentemente marcada pela aliteração (*quid, cras, quaerere, quem, cumque*), e, uma vez mais, assente na alternância: v. 13-14 – afirmação; v. 15-16 – negação. Os imperativos (*fuge, adpone, sperne*) ecoam, de novo, os imperativos que se vêm sucedendo nas estrofes anteriores. Esta é uma estrofe em íntima correlação com a que a precede, à qual se liga pelo tema, com as que antecediam aquela, de que relembra os dias, o tempo, e com as que se lhe seguem, às quais se une através da projecção (*enjambement*).

Estrofe 5: novo quadro, agora de natureza humana – a velhice. *Canities* evoca a brancura da neve, do primeiro verso, e *uirenti* opõe-se-lhe.

Estrofe 6: exortação ao amor, isto é, da reacção ante a natureza à reacção em termos amorosos. Liga-se triplamente à estrofe anterior: a) por projecção; b) pela repetição anafórica de *nunc*; c) por oposição, já que a *puella* do v. 22 se contrapõe à imagem de velhice antes traçada.

4. Notas

Vides ut alta stet – sublinhe-se a aliteração, logo seguida da notação cromática, reforçada pela luminosidade expressa em *candidum*.

Silvae laborantes – humanização do bosque, como que afadigado no esforço de suportar o peso do nevão.

Gelu flumina constiterint acuto – realce-se a mescla de notações distintas: a aparência estática do rio, originada pelo gelo, a solidez para que

aponta, a imagem sugestiva das pontas aguçadas que emergem das águas geladas.

Dissolue frigus – nota sinestésica sugestiva.

Quadrimum merum – vinho de quatro anos e, portanto, de superior qualidade, tirado de uma ânfora sabina. *Merum*, porque puro, isto é, antes de ser misturado com água, conforme era usual.

Permitte diuis cetera – um lugar comum largamente repetido na Antiguidade, aqui com um leve toque epicurista.

Ventos aequore feruido deproeliantes – sugestão imagética de rico efeito visual, que mostra a fúria do vento em turbilhão sobre a fúria do mar. A ela se contrapõe a bonança alcançada pela acção divina, representada nos ciprestes e freixos agora sossegados.

Fuge quaerere – imperativo de enorme força, a abrir a série de imperativos que se lhe segue (e de que faz parte, mais abaixo, o conjuntivo *repetantur*).

Fors – menos dramático do que *Fortuna* (Quinn).

Lucro adpone – metáfora contabilística, bem ao jeito horaciano.

Canities morosa – nova mescla de notações, de belo efeito: a velhice, caracterizada pelas cãs, mas também pela lentidão. *Morosa*, aliás, possui ambíguo sentido: pode evocar as passadas do homem que caminha, vagaroso, sob o peso dos anos (como o monte estático, sob o peso branquejante da neve), mas também o passo lento da idade, até à chegada da velhice.

Nunc... nunc ecoam, do ponto de vista fónico e estrutural, *nec... neque*.

Campus et areae – o Campo de Marte, onde o corpo se exercitava e ganhava vigor, indispensável à juventude (e às lides do amor).

Lenes sussurri – os murmúrios próprios de amores furtivos, a coberto das sombras nocturnas, como aqueles que se descrevem nos versos finais do poema.

5. Tradução

Vês como se ergue, coberto de um manto de neve, o resplandecente
Soracto, e não suportam já o peso
os bosques cansados, e os rios
sustêm a marcha, por força do gelo aguçado?

Faz desvanecer o frio; põe lenha abundante 5
na fogueira e, com largueza,
tira da ânfora sabina
vinho de quatro anos, ó Taliarco.

Deixa o demais aos deuses; assim que eles
abateram a força dos ventos que se combatiam sobre o mar 10
encapelado, não mais se agitam os ciprestes
nem os velhos freixos.

O que há-de ser o amanhã, foge de o perguntar, e
qualquer que seja o dia que a sorte te trazer, tem-no 15
na conta de lucro e não desprezes amores delicados,
ó rapaz, nem danças,

enquanto da idade verdejante vai estando longe a velhice,
de passos vagarosos. Agora, é o Campo de Marte e os grandes espaços
e os suaves murmúrios, pela calada da noite,
à hora combinada, isso é o que deves buscar; 20

agora, o que deves buscar nos recantos mais íntimos
é o riso encantador da mulher, que assim lhe trai o esconderijo
e o penhor roubado a seus braços
ou a seus dedos de fraca resistência.

CARLOS ASCENSO ANDRÉ